

Aliança PMDB-PSDB está ameaçada no Sul

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – A reprodução no Rio Grande do Sul da coligação que apóia o presidente Fernando Henrique Cardoso está ameaçada. O governador Antônio Britto, do PMDB, já assegurou o apoio do PPB e do PFL, mas continua inseguro quanto à ajuda do PSDB. Mesmo depois que o diretório regional tucano decidiu apoiar a reeleição do governador Antônio Britto, o vice-governador Vicente Bogo, que é filiado ao PSDB, continua percorrendo o Rio Grande do Sul como candidato ao governo.

A postura de Bogo, que já recebeu apelos pela conciliação do governador do Ceará, Tasso Jereissati, está irritando o presidente e seus au-

xiliares. Ter um palanque forte no Rio Grande do Sul, para enfrentar a candidatura do PT a presidente, Luiz Inácio Lula da Silva – que terá como vice o ex-governador Leonel Brizola, do PDT – sempre foi um dos objetivos do Palácio do Planalto. “O Bogo abandonou o partido e embarcou num projeto pessoal”, criticou a deputada Yeda Crusius (PSDB-RS).

Desde o início do governo Fernando Henrique Cardoso têm sido uma constante as divergências políticas entre o presidente e os tucanos. As dificuldades começaram na montagem do ministério quando todos as pastas do PSDB foram preenchidas por tucanos paulistas: Sérgio Motta, nas Comunicações; Paulo Renato Souza, na Educação; José

Serra, no Planejamento, e agora, na Saúde; e Bresser Pereira, na Administração. O restante do partido se sentiu alijado do poder.

Para garantir a unidade dos partidos aliados e a continuidade do processo das reformas, Fernando Henrique Cardoso também abortou no final de 1996 os entendimentos para a formação de uma bloco parlamentar do PSDB com o PTB. Este bloco poderia dar ao PSDB a presidência da Câmara, mas o PMDB e o PFL reagiram – principalmente os pefelistas que disputam com os tucanos a condição de partido hegemônico da aliança.

A política de “agregação partidária” conduzida pelo ex-líder do PSDB na Câmara, deputado José

Anibal, que ampliou a bancada de 62 para 94 deputados, também foi interrompida devido aos protestos dos aliados.

Nos dois casos, o presidente preferiu dar ouvidos aos aliados e sacrificar as iniciativas políticas do PSDB. Empenhado em eleger a maior bancada para a Câmara nas eleições de outubro, o PSDB fez uma série de filiações polêmicas nos estados. Uma delas, a do ex-governador da Bahia, Nilo Coelho, desagradou o presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL) e levou ao afastamento do ministro Sérgio Motta da direção do partido. Motta acusou a direção do PSDB de estar desfigurando a sigla e a transformando num “partido-ônibus”.